

# PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES INDÍGENAS DO CURSO TÉCNICO SUBSEQUENTE EM AGROECOLOGIA SOBRE ALIMENTOS TRANSGÊNICOS

[Polyana Rafaela Ramos](#)<sup>1</sup>

[Edivaldo Soares Silva](#)<sup>2</sup>

## Saúde, Segurança e Meio Ambiente

### RESUMO

A presente pesquisa teve por finalidade conhecer a percepção dos indígenas da etnia Tapirapé do curso Técnico Subsequente em Agroecologia sobre os alimentos transgênicos, bem como se sabiam reconhecer quando se tratava de um produto e se acreditavam que os mesmos poderiam fazer mal a saúde. Para isso, durante as aulas do componente curricular Cultivos Agroecológicos foram desenvolvidas rodas de conversa com os estudantes sobre a temática, onde estes foram até as residências da comunidade pesquisar os mais velhos e as famílias se tinham produtos transgênicos em casa, quais eram, e o que pensavam a respeito. Foi identificado que a maioria conhecia o termo, sabiam do que se tratava, porém não se atentavam ao símbolo de transgênico presente nas embalagens de grande parte dos produtos presentes nas residências. Quando questionados sobre os riscos, os estudantes disseram que acreditam que possa fazer mal a saúde e ao meio ambiente, mas também relataram da dificuldade de pararem com o consumo.

**Palavras-chave:** Saúde Pública; Contaminação ambiental; Saúde indígena.

### INTRODUÇÃO

Dentre os diversos avanços vindos com as tecnologias, algumas se tornaram alvo de diversas discussões e contradições, como é o caso dos alimentos transgênicos.

De acordo com Pierce (2011), transgênicos são organismos que foram permanentemente alterados pela adição de uma sequência de DNA em seu genoma. Estes organismos são resultado da engenharia genética por meio do cruzamento de espécies que não se cruzariam naturalmente.

Os transgênicos são produtos criados em laboratório com técnicas de engenharia genética que permitem transferir genes de um organismo para outro manipulando sua estrutura natural a fim de produzir novas características específicas (CHEUNG, 2015).

---

<sup>1</sup>; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFMT *Campus* Confresa; [polyana.ramos@cfs.ifmt.edu.br](mailto:polyana.ramos@cfs.ifmt.edu.br); <sup>2</sup>Biólogo; Prefeitura Municipal de Confresa-MT; [agrobio.confresa@gmail.com](mailto:agrobio.confresa@gmail.com)

Atualmente uma grande quantidade de produtos disponíveis nas prateleiras dos supermercados tem em sua composição algum ingrediente oriundo de cereais transgênicos, como biscoitos de sal e recheados, skinys, chicletes e gomas de marcar, entre outros, inclusive algumas marcas de papinhas para bebê.

Essa realidade também chegou a as aldeias indígenas, onde grande parte da alimentação tradicional foi substituída por industrializados.

O povo Tapirapé, também denominado Apyãwa, buscando novas formas de melhorar sua produção, resgatando suas variedades tradicionais e a ressignificação de suas formas de agricultura, reuniram-se e procuraram o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFMT – *Campus* Confresa e alguns parceiros como Conselho Indígena Missionário (CIMI), Fundação Nacional do Índio, entre outros reuniram-se e surgiu a proposta do curso Técnico Subsequente em Agroecologia, ofertado pelo PRONATEC (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego). O mesmo foi desenvolvido totalmente na aldeia indígena Urubu Branco no município de Confresa-MT.

Levando em consideração a inserção dos produtos industrializados e a constante ameaça tanto a biodiversidade como também segurança alimentar do povo Tapirapé, o presente trabalho objetivou conhecer a percepção dos alunos indígenas do curso Técnico Subsequente em Agroecologia sobre a questão dos alimentos transgênicos e a relação com a alimentação tradicional.

## **METODOLOGIA**

Todas as aulas foram desenvolvidas dentro da aldeia Tapi'itãwa, ao qual os professores contavam com um intérprete indígena para facilitar a comunicação e traduzir termos que os estudantes não compreendiam.

Dentre as diversas disciplinas que compuseram a grade curricular, estava o componente “Cultivos Agroecológicos”, e como parte do desenvolvimento do mesmo foram utilizados como metodologia didática rodas de conversa, ao qual após explanação do conteúdo, os estudantes emitiam sua opinião, percepção e sentimentos sobre o tema.

Foi levantado o questionamento sobre como era a alimentação tradicional do povo Tapirapé, dos antepassados e mais velhos, e como está atualmente. A partir deste momento os

estudantes compartilhavam suas histórias e experiências, principalmente com consumo de produtos que continham transgênicos em sua composição e como poderia estar afetando os costumes da comunidade.

Após a roda de conversa, os alunos em dupla, fizeram um questionário sobre o tema, e visitaram algumas residências da aldeia Tapi'itãwa e entrevistaram os mais velhos e lideranças, afim e verificar quais outros produtos transgênicos estavam fazendo parte da alimentação dos indígenas e qual a percepção dos mesmos sobre o assunto.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

De forma geral, no momento da roda de conversa, os estudantes foram questionados se sabiam o que significava o termo “transgênicos” e como era possível identificar um alimento que sofreu essa alteração no seu DNA.

Aproximadamente 82% dos estudantes já tinham ouvido o termo transgênico ao menos uma vez, porém somente 64% sabiam o conceito. Segundo um dos estudantes, depois que os indígenas passaram a consumir estes alimentos, começou a aparecer nas aldeias casos de alergias alimentares, que os antepassados não conheciam, bem como doenças de não índios cada vez mais presentes entre a comunidade.

Após o início das discussões, todos os estudantes conseguiram citar ao menos um alimento que tinha em sua residência ou que o mesmo havia consumido naquela semana que fosse transgênico.

De acordo com a Portaria 2658/03, os produtos que contém traços de transgênicos devem possuir um símbolo específico, ao qual deve estar em área visível em condições usuais de exposição, escritas em forma relevante a denominação de venda, marca e/ou logotipo.

Este geralmente trata-se da letra “T” dentro de um triângulo com coloração diferenciada, nas embalagens.

Quando questionados se tinham conhecimento desta lei e o que significava este símbolo, mais de 90% não sabiam do que se tratava ou que esta era a serventia do mesmo nas embalagens. Esse é um dado preocupante, pois os estudantes têm consciência de que a maior parte dos alimentos consumidos na aldeia possui traços de transgênicos, porém quando iam citando estes produtos, era mais limitado a óleo, cereais (arroz, feijão) e alguns tipos de carnes, cujos animais são alimentados com ração a base de soja e milho como gado e frango.

No momento em foram realizar a pesquisa na aldeia, trouxeram embalagens de diferentes produtos que continham o símbolo e se assustaram como alimentos como chiclete também possuíam o símbolo na embalagem.

Entre os estudantes foi unânime a percepção de que os alimentos transgênicos substituindo a alimentação tradicional pode trazer inúmeros problemas a saúde e também ao meio ambiente, uma vez que são novos e ainda não se tem estudos e conhecimento sobre seu real impacto sobre as populações de seres humanos, plantas e animais.

De forma geral, os estudantes relataram que muitos alimentos tradicionais o povo Tapirapé foi perdido e a proximidade com o não índio fez com que produtos industrializados com alta quantidade de sódio e açúcar passassem a fazer parte da rotina alimentar desse povo, porém é uma prática difícil de ser retirada do cotidiano alimentar deste povo.

Pensando em estratégias para diminuir o problema e os alimentos tradicionais aumentarem a porcentagem nas refeições das famílias, os cursistas fizeram uma apresentação sobre o tema para toda a comunidade, como forma de compartilhar os conhecimentos adquiridos do curso e também alertar o povo sobre os diversos perigos da alimentação inadequada a saúde e meio ambiente, incluindo aqui os alimentos transgênicos.

## CONCLUSÕES

O povo Tapirapé passou por um momento histórico difícil onde foram quase dizimados por outras etnias e expulsos de seu território tradicional, a Terra Indígena urubu Branco. Dessa forma, em 2003 retornaram para lá e o encontraram sem condições de produzir seus alimentos tradicionais. Somados a isso a proximidade com os não índios acabou fazendo com que diversos produtos industrializados começassem a fazer parte da alimentação desse povo.

Quando curso Técnico em Agroecologia foi aprovado na aldeia, surgiu como uma esperança de auxílio para a partir da resignificação das práticas de agricultura e caça reduzissem essa influência alimentar do não índio na comunidade.

Em uma das atividades da disciplina de Cultivos Agroecológicos, foi realizado uma roda de conversa onde o tema central era sobre o uso de produtos transgênicos na aldeia. Observou-se que a maioria faz uso de pelo menos 5 produtos ou mais, e em todas as residências pode ser encontrado os mesmos.

Sobre a identificação nas embalagens de produtos transgênicos, a maioria não tinha conhecimento do que se tratava e assustaram-se ao perceber que a quantidade consumida por eles, era maior do que supunham.

## REFERÊNCIAS

CHEUNG, T.L. et al. Inovações em alimentação: as percepções dos consumidores sobre produtos enriquecidos e transgênicos. **Revista eletrônica de Administração e Turismo**. V.7, n.4, 2015. Disponível em: file:///C:/Users/HP/Downloads/6056-22379-1-PB.pdf. Acesso em ago 2018.

PIERCE, B. A **Genética**: um enfoque conceitual, 3ªEd. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2011. 756pp.